

# Hylton é soul

Autor de sucessos da música brasileira, o músico nascido em Salvador lança novo trabalho, considerado um dos 25 melhores discos nacionais de 2008 pela revista Rolling Stone

Texto **KATHERINE FUNKE**  
kfunke@grupotarde.com.br

A vista mais bonita de Copacabana, canta Hylton de Souza e Silva, 57, é a da favela. O refrão de protesto vem com ginga de prata e balanço soul. Eis uma das muitas pérolas do disco *Soul Brasileiro*, recém-lançado pelo selo independente do cantor e compositor que trocou Senhor Bonfim pelo Rio de Janeiro há 50 anos, mas nunca se desligou da Bahia. Do ponto de vista da diversidade e da malemolência, Hylton está mais batano do que nunca no novo álbum. Múltiplo, atua bem em diferentes linguagens e canta com sentimento, acompanhado pela banda Brazilian Samba Soul e por convidados de peso, como Frejat, Chico Buarque, Zeca Baleiro e Carlinhos Brown. O mesmo trabalho concentra frevo, rock, soul, hip hop, samba e até uma faixa instrumental, ao violão.

Comparado a *O Vendedor de Sonhos*, lançado em 2003, *Soul Brasileiro* surge como tesouro para fãs do soulman batano. Não à toa, acaba de ser indicado como um dos 25 melhores discos nacionais do ano passado, pela revista *Rolling Stone*. Assim, ganhou ótima referência entre a crítica especializada.

Pensar que Hylton nem sabe quanto é que o disco vendeu até

agora. "Como sou presidente da minha empresa, deddimos, eu e eu, que vamos bem devagar com isso". Ele ri. Explica que números poderiam fazê-lo perder o pique da divulgação, de um modo ou outro: se estiver vendendo muito, ele relaxa; se não estiver, fica muito tenso...

"O apelido dele, nos anos 70, era Grilo. Se Tim Maia era O Grillado, Hylton era o próprio grilo", conta o amigo e parceiro Wu, 63, nascido em Xangai e criado em São Paulo. Músico profissional, guitarrista, Wu chegou a ser produzido por Raul Seixas, na CBS, e a gravar discos para novelas da Globo.

No fim dos anos 70, o chinês largou tudo e mudou de carreira. "Aquele loucura toda estava afetando minha sanidade", explica. Mas não parou de compor, nem de tocar. Isso explica a excelência da faixa *Bahia do*



O cantor, em foto de César Otídca Filho

H, cuja base foi criada por ele, aperfeiçoada por Hyldon e rearranjada por Brown em *Soul Brasília*.

No início dos anos 70, Wu e Hyldon moraram juntos e compartilharam a "loucura" do Rio de Janeiro em pleno auge da contracultura. Wu alugou um apartamento que serviu de base para longas *jam sessions* com Hyldon, Tim Maia, Carlos Dafê, Cassiano...

O prédio era um antigo convento de freiras e o apartamento, o maior de todos, deveria ter sido a suíte da madre superiora. "Quando chegaram, trazendo os equipamentos e bagagens (Tim ainda levou dois cães da raça pastor-alemão) fui logo sendo questionado pela proprietária...", conta Wu, o mais diplomático do grupo.

Os músicos ficaram quase dois anos ali no Solar da Fossa, na rua Lauro Müller, perto do Canecão. Depois, viraram nômades ao mesmo tempo em que ganhavam fama e dinheiro. Incoromodando vizinhos com ensaios até altas horas, passaram por quase 20 apartamentos em seis anos.

Numa dessas madrugadas, Hyldon e Tim Maia compuseram *I don't know what*

«Tim (Maia) passou a noite inteira chorando e cantando o refrão bem alto, bebendo uísque»

Hyldon, sobre sua composição com Tim, *I don't know what to do with myself*

to do *with myself*, que virou clássico na voz de Tim. "Ele estava apaixonado, mas desesperado porque tinha levado um chifre", conta Hyldon. "Tim passou a noite inteira chorando e cantando o refrão bem alto, bebendo uísque". Foram desalojados pelos vizinhos e tiveram de passar o resto da madrugada na calçada.

#### VOLTA AO TEMPO

"Da última vez em que sai de Senhor do Bonfim, senti no trem que era a última vez que estaria naquela cidade", conta Hyldon, delatado no sofá da sala de sua casa, no Recreio, bairro nobre do Rio de Janeiro. À sua frente, estão os já gastos chinélos do Vasco. Seus óculos quebrados estão meio

tortos no rosto, deitando-o com ar de molequinho.

A lembrança é do dia em que partiu para ir morar na capital fluminense definitivamente. "Guardo o cheiro da fumaça, ainda. O trem demorava dois dias até Salvador", diz, nostálgico. "Eu olhava a paisagem e pensava: tem outro caminho me esperando mais na frente..."

Intuição claríssima. Aquele trem o levava, indiretamente, ao sucesso. Nos anos 70, Hyldon compôs três grandes hits: *Na rua, na chuva, na fazenda*, *As dores do mundo* e *Na sombra de uma árvore*, já regradas por inúmeros intérpretes. Mas, antes de ser reconhecido como cantor e compositor, Hyldon deu um duro danado. Tra-

balhou no selo Polydor, da Polygram, onde produziu discos de Erasmo Carlos, Jerry Adriani, Wanderléa, Odair José e Wanderley Cardoso. Como guitarrista, tinha banda com Cassiano, *Os Diagonais*; tocou guitarra para Tony Tornado, Frank Landi, Wilson Simonal...

Nessa época, conheceu Hélio Celso, pianista da banda de Tony Tornado, que trazia de presente as harmonias de bossa nova, desenvolvidas por João Gilberto. "Aí me dispndi da Jovem Guarda. Digamos que fui da quinta para a sexta série...", conta. Também foi convidado a tocar com Gal Costa, Sá, Rodrix & Guarabira, mas se dedicou mais ao trabalho autoral.

Na mesma época, quase gravou com a banda de Elis Regina — não fosse "Meio-de-campo" (Prezado Amigo Afonsinho)", de Gilberto Gil. A canção era dedicada a Afonso Celso Garcia Reis, proibido de jogar no Botafogo por manter barba e cabelo comprido.

Mas Hyldon, que não lê partituras, não pôde acompanhar a banda... Por outro lado, anos depois, ficou amigo de Afonsinho e joga futebol com ele. "Ele me chama de

Gamarra, que era zagueiro do Palmeiras", diz Hyldon, "mas o Gamarra joga muito melhor do que eu..."

#### NA EXPERIÊNCIA

Hyldon bate um baba três vezes por semana com Chico Buarque, Carlinhos Vergueiro, Sombrinha, Dado Vila-Lobos, Léo Jaime e Guinga. Também já jogou com atletas da Seleção, como Marco Antonio e Marinho. No campo, é o delegado, o marcador, o zagueiro central. "Sempre gostei de jogar nessa posição. Posso desconstruir e começar a reconstruir".

Vasculho convicto desde pequeno, quando ouvia os jogos pela Rádio Globo em Senhor do Bonfim, agora ele acha o time atual muito fraco. Prefere jogar a assistir, inclusive: "Com 57, jogo melhor que os zagueiros de lá. Tenho mais tática, mais futebol e mais inteligência".

Esse gingado e experiência em campo, o músico aprendeu em parte nos jogos de vida. Em 1974, após um esforço de convencimento de André Midani, diretor da gravadora onde trabalhava, lança o primeiro disco, *Na rua, na chuva na fazenda*. Por

pouco, o álbum não cede metade do espaço para regravações de sucessos estrangeiros, como *Angle*, dos Rolling Stones.

O balanço até achava a canção bonita mas, além de preferir os Beatles aos Stones, tinha a necessidade de expor sua originalidade de compositor. No impasse, deu a Midani o livro *A Necessidade do Arte*, de Ernst Fischer. Se o argumento convenceu ou não, ele não sabe; o fato é que seu primeiro disco contém os hits que até hoje tocam em rádio e são conhecidas por milhões de pessoas.

No segundo disco, *Deus, a natureza e a música* (1976), Hyldon gravou duas parcerias com Caetano Veloso. A música-título, de autoria de Jacks Wu, já anunciava o que vinha depois — um período de "interiorização", de afastamento do *mainstream* para a busca do sentido da vida.

Foram dez anos de recesso artístico, mantidos pelo pagamento de direitos autorais. Nos anos 90, com confisco das poupanças pelo governo Fernando Collor, Hyldon teve de quebrar a cabeça para fazer dinheiro. Com a mulher, a designer Zoé Medina, fez *A Turminha do Bebê*, CD e DVD pa-

**Já ouviu Hyldon?**  
Trilhas do filme e regravações do compositor balano

**"AS DORES DO MUNDO"**  
Jota Quest fez todo mundo cantar a música em 1996

**"TUDO PRA BAÍHA"**  
Prata Gil regava o sucesso de Hyldon em 2002: "Pratico Ir embora daqui / Vou pegar um taxi..."

**"NA SOMBRA DE UMA ÁRVORE"**  
"Larga de ser bobo e vem comigo", diz o início da canção incluída na trilha de Antonio (2006)

**"NA RUA, NA CHUVA, NA FAZENDA (CASIMBA DE SAPÊ)"**  
Eli Abelha resgata o clássico em 1996 e Christian E. Rolz em 2002. No filme *Deus de Deus* (2002), entrou a versão de Hyldon, dos anos 70

**"HOMEM-PÁSSARO"**  
Parceria de Hyldon com Alex Malheiros, integra a trilha de *Carandiru* (2002)

**"AS DORES DO MUNDO"**  
A versão original vive *road music* da aventura *O Homem do Ano* (2004)

**"HOMEM-PÁSSARO"**  
Parceria de Hyldon com Alex Malheiros, integra a trilha de *Carandiru* (2002)

**"AS DORES DO MUNDO"**  
A versão original vive *road music* da aventura *O Homem do Ano* (2004)

**"HOMEM-PÁSSARO"**  
Parceria de Hyldon com Alex Malheiros, integra a trilha de *Carandiru* (2002)



Jacks Wu, amigo desde os anos 70, é anfitrião e parceiro de Hyldon em Salvador

ra crianças, com músicas inéditas e animações de Zoé.

Outro projeto foi a direção do show do Seu Boneco, personagem de Lug de Paula na *Escolinha do Professor Raimundo*. Para Lug, amigo das quadras de futebol, Hyldon criou o hino "É-o, é-o, Seu Boneco é o terror". Viajou o País nos bastidores, à frente da produção e da direção do espetáculo.

Depois de passar seis anos refugiado em um sítio em Teresópolis, voltou a morar no Rio em 2002. Montou um selo independente e começou a explorar novos mercados, para espantar de vez os convites para regravações de antigos sucessos.

Em 2008, gravou o primeiro DVD (a ser lançado), tocou com Zeca Baleiro no Caneção, fez vários shows no Rio, Macapá, João Pessoa, Natal, Campina Grande e fez participações em espetáculos de outras bandas, como a VulgoQInho & Os Cara (da qual participa Omar, filho do poeta Waly Salomão). Em Salvador, só deu uma canja, na escadaria do Carmo.

Para este ano, a agenda de apresentações ainda não está definida, mas ele espera trazer o novo repertório para cá. Afinal, na cidade onde nasceu, tocou muito pouco, ao longo da carreira. "Por incrível que pareça, show sozinho e completo em Salvador, só fiz um, com a formação original da Banda Black Rio, em 1976, lançando meu segundo disco", ele conta. O último show aqui foi na Concha Acústica, com Sandra de Sá e Adelmo Casé, há seis anos.

Mesmo assim, de vez em quando, Hyldon vem para a Bahia visitar os amigos e dar um abraço na avó, dona Etelvina, que mora



**SOUL BRASILEIRO** (Selo DFR, R\$ 22). Ouça algumas faixas em [myspace.com/hyldonsoulbrasileiro](http://myspace.com/hyldonsoulbrasileiro)

em Feira de Santana. No Rio, fica ao lado da mulher e das duas filhas, entretido com a família e a divulgação do novo disco.

### FAMÍLIA

Na casa dos Silva, todos sentam juntos para decidir o que vai ser, para onde ir, como resolver. Foi assim que largaram uma vida urbana no Rio para morar em Teresópolis. E, da mesma maneira, cansaram da vida pacata e foram buscar novos desafios na capital fluminense, seis anos atrás.

Zoé toca clarinete e violão e canta junto com Hyldon em algumas de suas gravações. Em 1984, grávida, gravou com Hyldon *Novas Emoções*, trilha da novela *Vive para voar*. Também faz o design dos materiais do cantor. É dela a capa de *Soul Brasileiro*, trabalho sobre a imagem de César Otília Filho, filho do sobrinho do artista visual Hélio Otília.

Hyldon adora a vida em família. Conta que é porque nunca teve estabilidade na própria história, formada pelas idas e vindas da mãe e da avó (entre Rio e Bahia) — sem contar a ausência do pai, que tinha outra mulher e filhos ao conhecer dona Hildonete, mas foi desmascarado antes do parto. A mãe casou de novo e foi embora para o Rio.

"Então, o marido da minha avó me criou como um pai. E minha avó sempre foi minha mãe, pois ela é que me criou, em Senhor do Bonfim", explica. "Isso era muito confuso para mim".

Agora, os tempos são outros. A vida é alegre, dinâmica e intensa. E sobra tempo para, uma vez por semana, dar aulas gratuitas de canto para uma turma de 25 crianças no Centro de Arte Terreirão (Cate), no Terreirão. Hyldon quer ensinar aos outros aquela sensação boa que teve no trem, quando foi embora da Bahia — a do surgimento de novos horizontes. ■



ORELHA NARLAN MATOS

## Um baiano universal

Morando nos EUA desde 2002, o poeta e tradutor Narlan Matos, nascido em Itaquara (BA), introduziu no Brasil a poesia eslovena e deve traduzir o novo livro do beat Lawrence Ferlinghetti, a quem pretende apresentar em breve o pensador Noam Chomsky

Texto **KÁTIA BORGES** [kborges@grupoparatade.com.br](mailto:kborges@grupoparatade.com.br)

**LIVROS PUBLICADOS:** *Senhores e senhores: o amantear?* (1997), *No Acampamento das sombras* (2001), *Canção para meus Companheiros* (Inédito), *Wajens de Wido* (Inédito)

Você tem mantido correspondência com Noam Chomsky e tornou-se amigo de Lawrence Ferlinghetti. Como se deram essas aproximações? Com Ferlinghetti já existia um diálogo desde 2002, quando vim para o International Writing Program, na Universidade de Iowa. Há alguns dias, nos encontramos em San Francisco, no Café Trieste, que Jack Kerouac costumava frequentar. Ele me pediu para traduzir seu mais novo livro *Poetry as an Insurgent Art* (A poesia como uma arte revolucionária). E Noam Chomsky? Ele é um dos maiores ídolos de Ferlinghetti, que me pediu para apresentá-los. Chomsky tem se correspondido comigo e vem sendo uma espécie de mentor. Nunca imaginei que a um poeta de Itaquara caberia a missão de apresentar esses dois titãs. Itaquara agora é parte da história universal! A sua poesia é mais respeitada nos EUA que no Brasil? Venho fazendo recitais em universidades e me aproximando de poetas americanos da nova geração como Tyerimba Jess e John Keene. Eles gostam dos meus poemas e temos nos comunicado. Estou preparando traduções de meus poemas para o inglês para tentar a publicação de uma antologia. Tem umas conferências que dei aqui e que são continuamente reprisadas na televisão. **Que poetas o influenciaram verdadeiramente?** Essa coisa de influência é sempre difícil. Na verdade, o que eu gosto de fazer é sentir o cosmos desde a perspectiva do lugar onde estou. **Quando Narlan Matos retorna do exílio?** Gregório de Matos passou pelo mesmo no século 17. No caso dele, morreu no Recife, sem retornar. Espero que o meu destino seja diferente. Isso só depende da Bahia. Quanto mais sou reconhecido fora da Bahia, mais ela me ignora. ■